

O BESUGO

Ensaio

Victor Mota

Capítulo 1

Começamos a nossa argumentação definindo o que é esta coisa do besugo. Falaremos daquilo que há para falar e daquilo que não há para falar, ou seja, de coisas que interessam, algo na sequência de nossos escritos anteriores, tais como *Magnitude* e *Coisas do Mundo*, que deixámos inacabado para nos dedicarmos a esta substância que assim designámos. Tínhamos uma velha argumentação de que a bolsa era o lugar onde se metiam os pensamentos que não interessavam nas relações humanas e sociais, diárias, factuais, decisivas. Ora, podemos dizer incisivamente que o besugo justifica tudo o que de estranho e bizarro e MAU que se passa no mundo. Em termos de anatomia humana, é como um apêndice: está lá, mas não serve para nada, nem sequer para purificar o sangue das mil substâncias que um toxico independente ou um mero fumador inala no quotidiano. Não sei bem como explicar, mas o besugo é qualquer coisa que podia ser cortado, por excisão e ainda assim cresceria de novo, tal é a sua preciosidade, ou precisidade, perdoem-me o neologismo. Quando Kant se acercou da merda que fez depois de um passeio que dera de manhã, nasceu o besugo. Veja-se a sua cara quase colada à merda que fez. Isto é o besugo, é o ser humano colado ao conhecimento. Nada de parcimónia ou respeito, o besugo toda a gente o tem, seja homem seja mulher. É o que nos distrai da fama, o que nos leva à fama. Será um deus? Ou Deus? Não sabemos bem como explicar, mas é qualquer coisa que, como já adiantámos, está ligado ao cérebro e ao estômago. Pouco sabemos de neurologia. Mas julgamos que este nosso conceito ultrapassa as noções de Espinosa, Descartes, Kant ou mesmo, mais recentemente, Manuel Damásio. Lá porque há qualquer coisa esteja

localizada na mente (a velha questão da distinção entre cérebro e mente, ou seja, objectividade e subjectividade, orgânico e inorgânico, do corpo e do espírito) não quer dizer que lá esteja. Pois. Durante este itinerário, levarei o Leitor a ver que o besugo é a solução para os problemas do relacionamento humano. E olhe que não há maior problema que a humanidade tenha de enfrentar mais sério que os relacionamentos entre as pessoas. Parece fácil, mas não é. Estou suando e meu besugo segrega uma substância, a matreirice, essa é a substância que o besugo segrega. Mas poderá a matreirice ser uma substância. Os pensamentos não são, como diria Hume, inorgânicos? Voltamos ao velho dilema entre carne e espírito que já encarei noutro ensaio (peça-me a bibliografia se comprar este livro, terei todo o gosto em publicá-lo, caso alguém queira resolver os problemas humanos para além da crise do sul da Europa e do Zeitgeist). Voltamos ao velho dilema entre mente e corpo que está subjacente ao diálogo de civilizações (ocidente e oriente). Afinal, porque se trata de um ensaio, ensaio sobre o besugo para resolver todos os problemas da humanidade, devíamos ter notas de rodapé, se isto fosse uma tese. Mas como não é, andemos um pouco para a frente. O besugo é o pessimismo português, o conformismo, o deixa andar que já bebi uma imperial e tenho uma tipa debaixo de olho para logo à noite, ainda por cima é dia dos namorados. Mas veja-se bem, vamos descortinar de que é feito este elemento elementar da natureza humana. Para já, imaginemos que é o apêndice. Quando exageramos na corrida ou no esforço físico, temos de o retirar, não é? Digo isto porque gosto do que é difícil e minha tarefa é justificar os euros que o Leitor deu por este monte de palavras sequenciais, tais como zeros e uns alternados, seguidos ou interpolados. Já não vou descrever as minhas memórias, o besugo tem um cheiro

característico. Por exemplo, para ser claro e para quem anda de transportes públicos: o besugo está lá, pode ser um resto de pastilha ou a *tal* sujidade que encontramos no banco e que vai que não vai ou nos sentamos ou esquecemos merda por merda está tudo dito, ou nos sentamos ao lado e ficamos a olhar de sobrolho de quando em vez para a “tal” coisa: é o besugo. Tudo podia ser explicado se o narrador do seu Leitor fosse gay. Merda por merda, está tudo dito, avança-se e não se tiram mais conclusões. Mas, temo, não é esse o caso. O besugo nada tem de sexual, de moral, de higiénico. Mas desgasta-se com o tempo, como aliás a mente nos nossos sucedâneos pensamentos. Enfim, o besugo pode ser também um café mal servido, ou porque tivemos um mau dia ou porque estamos carentes ou por outros problemas mais sérios e mortais que me abstenho por razões evidentes de comentar. Se o leitor quiser saber como surgiu ao meu espírito (claramente) este conceito (a tarefa essencial da filosofia é criar conceitos, concordam a maior parte dos filósofos de todos os tempos) de besugo, poderá seguir um autor, Herder, da tradição romântica alemã, que desde já nomeio, sem pejo, e que servirá de apoio também à minha argumentação. Trata-se do Ensaio sobre a Origem da Linguagem, uma obra clássica e que, como poucas na história da filosofia e das ciências humanas, reúne, evidente consenso. Herder defende que o início da cultura está no nascimento e desenvolvimento da linguagem. Vamos seguir o seu exemplo e dizer que o besugo de cada um aumenta à medida que fala com os outros. Há besugos que rebentam dentro de nós e que felizmente não nos matam por dentro. Outros encolhem-se quando os donos não falam. Portanto, já definimos o que é besugo e o que não é e vamos ampliando assim a nossa argumentação, para bom uso das classes operárias ou letradas, como soi

dizer-se. Quando esfregamos o nariz e sai besugo, damos um esticão à mão, uma sacudidela. O besugo sai mas ainda fica lá algum dentro do corpo. É como que um espírito triste e rancoroso, choroso, que se apossa de nós, do corpo e da arte. É uma chatice. O besugo é uma chatice. Mas vamos dizer porquê. Porque fundamentalmente nunca nos larga. Diacho! É como se o espírito quisesse voar e o corpo não deixasse (embora reconheçamos ser possível uma união individual espírito-corpo, como por exemplo através da tradição indiana do yôga do do *yin* e *yang*). Mas o besugo não se equivale de certa maneira a uma substância, tendo algo de etéreo, diria espiritual ou mesmo até, se quisermos prolongar o nosso intento, espirituoso. Fisicamente o besugo tem a forma de um pénis sem testículos, não é muito grande, tem cerca de 15 cm. Se alguém já viu algum reporte-me por favor para que possa concluir como se se tratasse de um fenómeno de ovnis (besugos voadores) esta minha pesquisa. O besugo gosta de dinheiro que, alguém disse um dia, creio que foi um filósofo contemporâneo conceituado de que não me lembro agora o nome, assume a premissa de que o dinheiro é Deus em circulação. Então, estamos quase entendidos. Por não ter testículos (o besugo não é um pénis, entenda-se claramente) é idolatrado através das civilizações, desde a suméria, a egípcia e a romana pelos eunucos. São eles que têm os besugos mais valiosos. Nas minhas investigações, o único besugo que eu vi (pois ainda não foi autopsiado o meu corpo nem creio que tenha algum dentro do meu corpo, sendo que apêndice, no sentido médico, tenho de certeza, e felizmente ainda não o removi) encontra-se em Portugal. Mas não direi onde, este será o único facto que esconderei nesta obra. Há um besugo em Portugal, o melhor e mais valioso do mundo e nem os americanos nem os chineses, nem mesmo os brasileiros ainda o viram. O

que me impeliu a escrever esta obra, fruto das minhas investigações foi a descoberta deste único exemplar em Portugal. Só digo que está em Lisboa. Mais não posso dizer, sendo que não me inibo de dizer toda a verdade numa versão aumentada deste ensaio. Portanto, na língua em que escrevo temos não só a solução para a crise como para os problemas mais severos da humanidade, a saber, o entendimento dos homens entre si. Pedimos desculpa aos nossos concidadãos cientistas sociais e filósofos por alguma linguagem rude que utilizamos neste ensaio. Mas também não queremos ganhar nenhum prémio com estas palavras, apenas revelar uma verdade que atravessa a noite dos tempos e que deve, estamos convictos, emergir nesta época de crise e apoucamento que o sul da Europa e particularmente Portugal, a Irlanda e a Grécia padecem. A crise que chega às pessoas. A crise crua. A falta de besugo que lhes dê alento (o vinho *Alento* é uma boa pista). Estivemos a consultar os conceitos principais de Derrida e nada conseguimos apreender que desse uso à nossa argumentação. Talvez Deleuze e Guattari nos ajudem daqui a algum tempo. Cremos que esta descoberta se revelará importante e interessante e que o número de páginas que dedicaremos a esta temática não será muito pequeno e que depois de um início jocoso iremos entrar a fundo na Fundamentação do Conceito de Besugo como um elemento da contemporaneidade, dos dias de hoje, mas também de algo que sempre esteve presente, em todas as épocas, desde o grunhir do homem primitivo às elegias gregas ou à poesia de Hölderlin os às tocatas de Bach (este o homem que mais tentou sacudir o besugo). Para dar uma imagem aproximada, algo de concreto, é como se um burro tivesse uma cenoura à frente da testa e dos olhos e que avançasse assim mesmo não comendo a cenoura. Assim avança o espírito humano e as ciências (o conhecimento,

para lá de Damásio), na sua busca de perfeição, *performance*, função e eleição.

Capítulo 2

Esta coisa a que designamos besugo está em toda a parte, mas por vezes, conforme a variação dos tempos, não está nem no nosso espírito nem no espaço que ele projecta. Poderá estar no olhar de uma mulher, pode ser um exemplo de sedução, pode ser uma perda de alguém perdido. Portanto, será que podemos concluir após um capítulo que o besugo é coisa necessariamente obrigatória de eliminar? Eu acredito que sou escritor e isso cabe em mim, na minha pele, como personagem. O besugo pode ser uma mulher e é-o, sobretudo a mulher que amamos, vendo agora o carácter neutro do besugo, como nos verbos do grego antigo ainda existia o género neutro, podemos dizer que o besugo se camufla de neutro quando é qualquer coisa que mexe comigo, caro a Jesus Cristo. Ele está em nossa casa, está fora de nossa casa, se quisermos, mesmo numa discussão, ele é o elemento que faz zangar e reconciliar as pessoas. E que dizer do super-homem, que fica desencantado e solitário com esta noção que o parece ultrapassar. Pois eu digo, enquanto investigador deste fenómeno (porque sim, é algo de *evenemencial*, magnânimo), não terá o homem inveja desta “coisa” deste e do outro mundo, o besugo, que ultrapassa o conceito de super-homem e se torna algo de não humano. É, portanto, na verdade, qualquer coisa que não é humano mas com o humano se relaciona. Será algo de transcendente, no sentido em que tem poderes de motivação em favor do homem, para que ele se supere na intelectualidade, no desporto, nas profissões. **É! Isso tudo e muito mais.** Existe enquanto adjacente, portanto qualquer coisa a esta “coisa” que transcende tudo, numa palavra, o besugo é a infinita possibilidade dos

números e das palavras, o elixir dos poetas e restantes artistas, de mim mesmo que já nem sei a este ponto se sou artista ou cientista e que importa isso. Depois desta descoberta, o cenário das ciências do espírito e do comportamento nunca mais será o mesmo. Estamos, com estas oito páginas, dando apenas uma amostra do poder que se pode explicar, de que É, do que faz, do que tem, do que significa o besugo. Nenhum filósofo nos seus preparados discursos sem unidades de *concretude*. Ousou falar, nem sequer o recente livro sobre a filosofia dos Monty Python, falar nestes termos. Esta revolução é mais que copernicana, depois mesmo de ser mais do que socrática. Não presta reverência a filósofos nem sabe o que é isso, porque afirmamos peremptoriamente que o que Sócrates devia ter dito é que SEI (O) QUE SEI. E não o que disse. Por isso é que há algo de errado na história da filosofia. A filosofia depende de factos, mas coitada dela, não a vamos pôr abaixo, não é esse o nosso intento, aliás, se possuíssemos a eternidade seria precisamente à filosofia que nos dedicaríamos. Assim, temos de contentar-nos com algumas migalhas. Porém, ao lado desta descoberta, a filosofia perde subitamente, a história da filosofia, de todas as filosofias, o seu valor. Sem homem não há filosofia. E se há homem há besugo, logo a filosofia é dispensável. Esta é a primeira grande conclusão da nossa primeira argumentação. Entretanto, tenho umas contas a ajustar com Lévinas, há muito tempo que não penso no rosto, terá o besugo algum ser na natureza ou fora dela, noutra planeta ou galáxia, que se pareça com ele? Entretenho-me na tarefa de fazer uma arquitectura escrítica do que significa Ter ou Ser besugo, Bes mais Hugo, não, não é tanto isso, tratar-se-á mais de uma questão normalizada no trato da pessoas e não posso não quero nem é expectável para a respeitabilidade deste ensaio dizer onde estou, mas cedo e estou

fora de casa, já ofereci duas cigarrilhas, o pouco que tenho enfim, se não fosse esta escrítica do besugo estaria talvez em Hollywood escrevendo argumentos, ou mesmo com actor secundário, nunca sabendo nós quem mais gozo tem, se quem tem a oportunidade de ser protagonista se quem tem o destino de ser personagem secundário.

Capítulo 3

Este existente magmático, esta excrescência que é o besugo muitas vezes é motivo de inspiração para os outros, como espero que este relato das minhas investigações (enquanto homem, enquanto cão, como o cão de Kafka?) seja útil à sensaboria do arfar citadino, ao qual decidi entregar-me por razões de orçamento. Não dormi hoje com o besugo, é certo; mas ele está comigo, em mim, por cima de mim, numa certa área do meu cérebro e dentro do meu ventre. Isto já tínhamos dito atrás, não o vamos repetir. Ora, pôr-se-á a questão, o besugo tem de ter eliminado? Pode ser eliminado? Quais as consequências? Digamos em primeiro lugar, que ele é útil mais ao amigo do hospedeiro do que a este, portanto trata-se, se quisermos utilizar termos marítimos, de um parasita benigno. Algumas questões pertinentes levantámos já, que precisam de resposta e que a terão certamente no tempo que me ocupo deste relato. Outra questão que colocamos em considerando tem a ver com o facto de a nossa distracção ter perdido o fio de outras questões mediatas que merecem a atenção dos investigadores cientistas que se ocupam, como nós, destas tarefas que talvez a muita gente não querem dizer nada. No santo matrimónio, o besugo pode ser o parceiro, por certas vezes em que passa o tempo e há desentendimentos no quotidiano, enfim, já não vou dar mais esmolas, que pobre sou eu, rico em letras mas pobre de conta bancário, isto já deu o que tinha a dar, não a história desta descoberta, mas o local onde me encontro a descrever a útil e inutilidades do besugo. Um café, por favor. E virá um Vegafina depois. Enfim, não se podem levar as coisas a sério. Mas bom, há tempos em que esta coisa que se chama

besugo não se manifesta. Quando estudamos filosofia, estamos absortos em pensamentos transcendentos, pensamos vencer por momentos a religião, mas ambos permitem o besugo. Isto mereceria boa explicação, cabal, mas por momentos não lhe vamos deixar importância, fica só o cheirinho. Os dedos esfregam o nariz e sacodem. Hoje não estamos particularmente sobre esta coisa que agora se tornou mais difusa e fugidia, saiu um pouco da nossa cabe, depois de um dia de absorto descanso, voltamos a altas horas da noite, ainda com algum pessimismo, talvez um pouco mais equilibrados porque não tão arrogantes. Não diremos coisa considerada importante, pois que temos tanta coisa a fazer que seja ler vários livros de psicanálise, sociologia e filosofia. Estes livros permitirão uma boa fundamentação do nosso conceito. Que mais equivalentes no reino da natureza encontramos para a concretude deste conceito e sua aplicação na nossa vida de todos os dias? O besouro, por exemplo, que faz bzzz bzzz, é um deles. Só que o besugo vai e em, enquanto passamos semanas sem ouvir e ver um besouro, sem ouvir e ver um grilo. Trata-se o besugo de algo também que nos desperta a memória para coisas importantes da vida. Porque há um alto e um baixo, uma desilusão, e uma alegria, um amor que sempre se busca. Pois que quando há amor entre dois seres o besugo desaparece, isso é mais do que certo. Trabalho feito, trabalho por fazer, este conceito andará na nossa mente o tempo que for necessário e o tempo para além disso para o explicar devidamente, para que todas as questões humanas e desumanas fiquem explicadas de uma vez para outra para que não haja mais problemas. Esta noite não temos sono, não dizemos por ora nem mais adiante a data em que nos encontramos, senão que seja no verão de 2012, em plena crise económica, em que as pessoas estão descansando de seus trabalhos, nós

mereceríamos ter tido uma vida melhor vivida, porém estamos escolhendo uma porta mais estreita daquela que Cristo falou pois todos os males nos caem em cima ou parecemos carregar este besugo, ou seja, o diabo, às costas.

O besugo é também plural, cada ser humano tem o seu, sobretudo quando está sozinho, embora melhore de estado de saúde quando comunica e esse apêndice volte ao normal, ao contrário do que disséramos atrás, pois já descobrimos adiante que a solidão é atroz e traz coisa bem mais indescritíveis que o besugo, substância, não temos medo de falar filosófica, que os filósofos forjaram de mente em mente através dos tempos. Quando estamos na cidade, este conceito torna-se mais lento, mais observável de descritível, quando estamos em aldeias, ele parece desaparecer, é fugidio, mas avoluma-se se não o contrariarmos e logo vem ao princípio da tarde para nos atazanar. Tem portanto, qualidades boas e más, conforme o que não queremos. Quando estamos bem, lá vem ele, lá se manifesta ele; quando estamos mal pode fazer-nos bem e trazer coisas boas. Mas também não dizemos que é coisa nula, que não é. É qualquer coisa que não nos larga e a maior parte das vezes pode ser algo como que uma sombra escuríssima que povoa a nossa mente e tantas voltas damos à cabeça para nos sentirmos melhor e não conseguimos. Deveríamos Estar, Ser, sentindo-nos bem no tempo, em conformação com o bem-estar de vida que alcançámos. Porém, há sempre qualquer coisa que falta, pouco está completo, há sempre qualquer coisa que falta. Eis aí que se instala o besugo para nos atazanar, é uma falta, um contentamento descontente, uma obrigação de ser feliz esta circunstância de viver sob a égide do besugo. Mais adiante diremos o que de particular terá mais esta substância, não lhe podemos dar outro

nome. Mas antes de mais queixemo-nos sobre a situação em que vive o país e utilidade do besugo quanto a isso. O besugo, algo de particularmente individual e que descobríamos somente entre nós, assume-se assim qualquer coisa de colectivo, uma mancha colectiva que, como uma epidemia, transforma o meu e o desejo de bem em fruste mal e decadência. Assim, saboreiam-se cervejas no café e conforma-se o animal humano com um contento pouco essencial, que nada diz aos filósofos mas que é de certa forma o modo de funcionar da sociedade contemporânea. Eis o besugo no plural, essa coisa boa que nos faz sentir que não estamos sozinhos e que há tragédias piores do que as nossas. Mais tarde voltaremos a este assunto. Por enquanto digamos que a carga por ter besugo não é fácil de carregar, é como se fôssemos um burro carregando um génio, por vezes, outras como se fôssemos o próprio génio, nas noites em que uma música penetra nos nossos ouvidos e justifica-se assim de algum modo o sofrimento, a falta de acontecimentos na nossa vida e apostas em direcções diversas para o futuro. Essa ideia de que há alguém lá fora pior do que nós consola-nos, porém queremos sempre mais e mais, como todo o indivíduo que tem boa ambição. E que tem besugo. Porque todos os têm, há alguns que não sabem que o tenham ou fazem mau uso dele, mesmo sabendo que "há qualquer coisa". Bem usado pelas mulheres, que sempre foram, são e serão portadoras de notícias, o mundo evolve, desenvolve-se e novas aquisições de ideias fazemos, com vista a fundamentar nossa argumentação, como se de uma tese, a tese sobre o "besugo" se se tratasse. A falta de diálogo com filósofos impede-nos que o nosso argumento se configure de uma forma mais desejada, mas pelas nossas investigações e elucubrações também lá chegaremos, fazendo uso do nosso espírito e das ideias que captamos,

daquelas que chegam perto de nós e apanhamos como borboletas raras numa selva amazónica. A noite avança e para iniciarmos alguma investigação hoje, pois amanhã é sábado, festa na aldeia, o tio precisa de um pouco de cevada, pois não há café em casa. Não terá muitas linhas a ideia central de hoje e que aqui se resume a poucas linhas. Há um torpor imenso que faz estalar os nervos. Acendemos mais um cigarro, ouvimos a música e vamos buscar cerveja e café de cevada. Acreditamos que a noite perdure em forma de especulação e acreditamos na escrita, porque hoje é Sábado no mundo, nada há a temer, enquanto outros se divertem. Tínhamos duas ideias para desenvolver e é isso que vamos fazer, antes de ir mais em frente na nossa argumentação em torno do "besugo". Tínhamos, portanto, a ideia do besugo no plural. Ora, cada um tem um e quando se juntam vários indivíduos, é claro que os besugos se activam e formam comunidades, dialogam entre si e dão conta dos donos, pelo que estes parasitas do corpo e da alma humanas, se lhes podemos chamar assim, descrevem mais ou menos para os ET's em que consiste a vida humana. Seriam bons veículos para enviar em naves espaciais. Enquanto escrevemos nosso argumento, muitas coisas e pessoas passam à nossa roda e é disso também que se alimenta o nosso besugo, por um lado, ou seja, pela via da inspiração, sobrelevando elementos mais ou menos necessários à elaboração do nosso projecto. Sorvemos cevada e fazem-se lembrar no nosso palato os sabores do sul, do Alentejo ou de África. Temos também uma cerveja preparada para as eventualidades de ainda surgir um bom argumento para esta noite de trabalho em que a nossa companhia, para além das bebidas, é a rádio, que passa Radio Gaga e Lady Gaga. As pessoas são movidas também por critérios mais ou menos gastos, mais ou menos legítimos, pelo besugo, sobre tudo os criminosos,

aqueles que o têm mais desenvolvido e de cor verde, asquerosa, pois já decompus em minhas investigações vários corpos de cadáveres de criminosos e pude constatar isso mesmo. Ora, há muito tempo que há um conflito de relações entre as pessoas, qualquer um, ou a maior parte quer sobressair, deixar obra, criar imortalidade na sua alma para se julgar imortal aos olhos dos outros e seus, mesmo quando fecha os olhos na morte individual. Este é o maior perigo do mau uso do besugo, substância que une alma e corpo e que pouco, mas muito poucos neste reino do sul sabem usar sabiamente. Eu estou aprendendo e posso chegar a certas conclusões que não se restringem àquelas já mencionadas. A falta de dinheiro confunde o nosso besugo, pois este apêndice julga-se uma espécie de deus no interior do homem, ultrapassando, ou tentando ultrapassar, como já dissemos, o super-homem, o Super Ego e o os próprios deuses, ou o próprio Deus, se quisermos ver as coisas em modo monoteísta. Se queremos provas materiais de tudo isto veja-se como está a televisão e o Jet Set em Portugal: descontrolado, todos querem ser conhecidos, mesmo que o não o digam e não sabem cuidar de sua privacidade. Há poucos, benditos esses, que fazem um caminho distinto, quase secreto, ignorado, sabendo e porque tendo descoberto o bom uso do besugo, pois sua função é, fundamentalmente, dar qualidade de vida ao homem e à mulheres, aos casais, às famílias, às comunidades, ao país, à Iberia e a todos os outros povos. Sorvemos um pouco mais de cevada e andamos um pouco de um lado para o outro, com a ajuda de um cigarro, porque nos intriga esta solução que estamos quase a descobrir como que se fosse um manual de instruções para salvar o mundo. Não contemos as páginas que escrevemos, olhemos para as páginas que temos que elaborar adiante. Nesta noite de investigação iremos colocar um

problema sério, que se não resolver nossos problemas para já, vai dar um grande avanço. Trata-se do problema da empatia. Ora não há nada mais que o besugo goste do que a empatia: o besugo do homem e da mulher crescem assim que a empatia, a aproximação dos corpos e das almas se dá, tudo parece acontecer naturalmente e reconhecemos a nossa laicidade nestes assuntos, pois a outro, noutros volumes, nos temos dedicado. Ora, a empatia leva ao amor, ou o amor leva ao besugo, bem dito, será por aqui que iremos, por isso nossa noção é tão delicada e problemática como uma flor do deserto. A este ponto a cerveja está quase chegando ao papo e a nossa argumentação deverá ser mais convincente. Será que conseguiremos dar um sinónimo para besugo? Já nos aproximámos com algumas palavras (vide acima), mas não será fácil. Abrimos a cerveja e sorvemos o besugo que lá tem dentro, como se fosse uma ginja com ou um insecto que entra dentro do nosso organismo. Não, não estamos gozando consigo Leitor. Estamos usando nosso corpo como meio experimental para descrever esta última tese de que o besugo se aproxima do amor, se não é o próprio amor, isso já sugerimos ao falar da empatia. Bebemos, mas não sentimos nada, porque estamos sós nas nossas investigações, faz anos, o seu humano quer sempre mais e com ele o besugo vai mais além, então se não for domesticado é uma desgraça das piores pois degrada o ser humano e o transforma num trapo e depois, ainda por cima, nos abandona para tomar parasitismo noutro corpo mais jovem. É esse o verdadeiro carácter do besugo: não desiste, é cruel, aproveitador, superando assim o amor em desejo. Pode ser uma movência erótica...sabe-se lá. Por vezes canso-me das minhas investigações, pois não basta o alimento do corpo e da alma. Também preciso, como investigador desta fórmula que resumo ao besugo, de

algum apoio moral, ao menos uma primeira leitura por interposta pessoa desta minha busca em favor e defesa do besugo. Mas também se nossas investigações colocarem a nossa saúde em risco, equacionaremos outra abordagem, mais multidisciplinar, que agrade ao Leitor. Estará esta aproximação a agradar-lhe? Saiba o leitor que este nosso investigador tem pouco reconhecimento social, esta investigação é por conta própria. Num último dos nossos livros julgámos ter esgotado nossa inspiração e esforços, mas continuámos, como no deserto, sozinhos, sem parar, aproveitando todos os momentos propícios. Portanto, alguma forma de reconhecimento somente nos fará bem. Mais tarde ou mais cedo, que venha, embora não seja exclusivamente para isso que descrevemos nossas investigações, é porque precisamos do Leitor para, simplesmente, prosseguir com ânimo.

Capítulo 4

Acabámos de chegar mais uma vez à página em branco. Temos imensos escritos que gostariam de ser divulgados, talvez não tanto assim sistematizados, mas estamos claramente a correr por fora, com toda a força possível, para dar o que temos e o que não temos. O nosso tópico é o besugo, que não nos larga mesmo quando saímos, com os nossos 42 anos, a meio da noite, procurando mais uma mão cheia de ideias que aqui partilhamos com o nosso leitor. A nossa escrita tornou-se técnica, como convém a um escritor algo alquimista, que se alheia da realidade porque há um excesso de realidade que gera, através do besugo, uma outra realidade e é nela que vivemos, afirmando assim nossa subjectividade. Por personalidade, na vida ainda não temos encontrado alguém com quem andar talvez seja por personalidade, porque não nos faltam qualidades. Esta descoberta do besugo diz tudo. Tudo está aqui concentrado, neste momento, a vida é assim, não fazia sentido estar o investigador acompanhado, pois de que outra maneira poderia dedicar-se, sem distrações, à produção da sua obra de investigação? O sono não vem tão cedo, estamos não eufóricos, mas calmos. Bebemos um Martini com uma pedra de gelo e estamos equilibrados. Amanhã é dia de fazer algum exercício, sem perdão ao corpo, para que o besugo se mantenha saudável. Está argumentado, está explicado, porém continuaremos com algumas notas enquanto pelo menos a noite e a saúde o permitir. Os tempos são outros, acompanhámo-los da forma que melhor pudemos. Definimos nossa vocação ao nível da fenomenologia há bastante tempo, quando no curso de Antropologia comprávamos livros de filosofia. Por

isso nossa mente e consciência, vive e desenrola-se, desenvolve-se, rente ao chão, como que cortando relva. Quando não há palavras para dizer, quando tudo se cala na noite, há que inventar palavras imaginando que alguém noutra país possam encontra-las um dia, num supermercado, numa livraria, etc. Assim gastamos nosso tempo, em frente à folha branca, com um carregador dado pela irmã. Longe, aparentemente, vão os romances, em que não éramos de resto grandes especialistas, mas tudo o que fizemos, em tudo o que fizemos descobrimos qualquer coisa a partir do nada, logo criámos. Esperam-nos sentimentos e pensamentos mais elevados, não gozamos de boa reputação por assim, a solidão é imposta pelo ofício da escrita, que mais de mal nos pode acontecer? Bem, pelo menos, nos aproximamos de Sartre. Mas temos umas contas a ajustar com Lévinas. Não fugimos à questão: trata-se da questão do rosto. Num rosto bonito, as marcas da adolescência e da dureza da vida. Pode ser fácil estar por fora, mas estar por dentro não traz consolo nenhum. Dá vontade de bater em alguns aproveitadores. Mas enfim, a superioridade precede-nos. Só sei (o) que Sei. Todo o tempo andámos assim, e assim continuaremos, até que a glória, aqui cantando aos passarinhos, estando como o homem estátua do Chiado, esperamos qualquer coisa de singular que nos faça merecer o amor e continuar, melhor ainda o que começámos por seu efeito. Porque o escritor ama, escreve. Se não amasse, não esperaria encontrar o amor, mesmo fingindo-se de investigador ou filósofo. Algo nos puxa para fora da folha branca, será que estamos passando dos limites? Uma folha em branco não é também uma existência? Ficaremos, então por aqui, quase no final deste capítulo, com nossos argumentos ditados, descritos e explanados. Ou então falemos do amor, do amor que não conhecemos entre Riachos e

Lisboa, viagens que parecem ser o nosso eterno destino. O amor que nos fugiu, como roupa suja que se lava. Nunca mais aparece um amor daqueles. E como lidar com este mecanismo de autodefesa de enclausuramento para escrita e a necessidade de ser-se espontâneo para conhecer alguém. Não há questão mais difícil do que esta, diz-nos o besugo e talvez tenhamos chegado agora ao centro nevrálgico, o besugo é falta, aquilo que falta ao homem e à mulher, que sempre procuram e desvanecem a cada desilusão, a cada afrontamento. Muito tinha a dizer sobre este assunto, quando se ama não é preciso escrever (ou é?), ou teremos ainda mais inspiração? Coisa que eu, o descobridor do besugo, fórmula para as relações humanas, não consigo "meter" na minha vida. O desencanto e a desilusão são atroztes. Teremos de aprender a ser pacientes? Anda tudo maluco, é tudo talvez uma questão de *timing*, de ocasião, de oportunidade. E quantas já não perdi, continuando a perder... maldito besugo! Porque foi entregue esta tarefa a mim, logo a mim, que estava carente, que conto pelos dedos as vezes que já fiz amor? Dá vontade de dormir e esquecer tudo, mesmo a tarefa que o feiticeiro Zosz nos deu para explicar o besugo aos humanos. Porra! Diacho! Logo agora quando estou a envelhecer! Desditosa sorte...Logo depois de ter vista, coisas que normalmente se vêm, neste mundo de anormalidade normal, coisas que se vêm e que é preciso ao mesmo tempo deitar para fora das costas. A criação de reputação é mais uma das coisas caras ao besugo, darmos-nos com os outros, embora eu tenha prometido que não mais cairia em lugar de inspiração depois de Caderno de Encargos, ainda aqui estou e se tenha sonhado em extrair o meu besugo, para que não me desse trabalho, este é, parece o meu trabalho, procurar nestas investigações uma razão para o que me vai acontecendo. Aparentemente

tudo está em aberto, não vou carpir mágoas mas acho que ambicionei demais e paguei por isso. Outros, a quem nem sequer lhes ocorreria a ideia do sucesso, terão sido bem-sucedidos, porém não me queixo da minha sorte nem do pai que tenho, assuntos de que não quero falar que remeto para o besugo que tudo resolve, a cerveja está quase bebida e continuo esta narrativa, melhor, ensaio, tentando encontrar numa noite de sábado em que todos se divertem, porventura alguém estará a ler e a ouvir música, a solidão talvez não seja eterna, mas continuarei estas investigações, afirmando o besugo como inerentes ao tempo e espaço presentes, não fosse esta uma obra datada, como o são todas. Não há aqui raios de inspiração, ideias no ar, neste espaço em que me encontro fechado, o mundo parece estar sufocando nossas vidas para uma inexorável morte por bonomia e chatice. Talvez seja tudo uma questão de perspectiva, de ver as coisas com outros olhos. Falar do amor? Quem não aprende a amar dificilmente é surpreendido por ele mais tarde. E como eu gostaria...o besugo talvez sirva para resolver estes problemas, talvez resolve ir ao médico, que tipo de médico não sei, que da cabeça pareço bem, dói-me é o corpo por falta de exercício, a saúde é pouca. Fumo mais algum cigarro, procuro no ar algum argumento para hoje, procuro-o com a ajuda da música, não podemos somente contar com nós próprios, vivemos não a vida que queremos, mas a vida que nos é possível e passível de viver. Somos seres condicionados. Pouco sei de antropologia, senão estaria noutra contexto, ou mesmo por saber estou neste, desenhando palavras com as nuvens dos meus sonhos. Falar de mim, dos outros, do besugo dos outros. Amanhã estarei em Lisboa e poderei continuar durante alguns dias a minha investigação, neste tempo de férias para os portugueses e não só. Não se considere teoria elevada o que

vou aqui destilando, talvez seja eu próprio sonhando deitado na minha cama, sozinho, fazendo esquemas quando não era preciso fazer esquemas. Pelo menos desenho alguma coisa da realidade que julgo estar em torno de mim, a fenomenológica, a social. Mantêm-se de pé as circunstâncias de estudar filosofia, mesmo e sobretudo pela crise, neste país que só em certos casinhotos se cultiva a intelectualidade, parece que apesar de tudo a vida mais difícil é a dos intelectuais, que não têm matéria nem massa crítica para os dias estiosos que vão passando, numa dormência atroz, numa falta de acontecimentos, como se tudo estivesse bem para toda a gente. Pausa, tenho de encontrar, apesar do cansaço, mais argumentos, mais ideias, do que mero filme sobre judeus. Interrogo-me sobre a religião e o modo como me julgo ignorado pelos que a praticam. O meu mundo interior modificou-se bastante, sobretudo quando descobri o besugo, há anos atrás, e que estou agora a revelar nestes dias. Pois o besugo é essa coisa colectiva que nos dá dor de cabeça. Daqui a pouco explicarei melhor. Agora pausa para café e fornecimento de mais uma cerveja.

Capítulo 5

Volto, então, depois de um café compulsivo. Abro a cerveja. Pego num cigarro e evito escrever. Ando pela sala, consulto alguns livros, não impeço que a música se manifeste. Vejo um quadro de minha mãe e ela não condena, quem o faz são os outros, contudo o que terá a provar um reformado à sociedade, que pouco trabalhou. Basta-me sonhar, ser editado, sem bajulações, porque sei que este trabalho de abrir e partir pedra não é fácil. Entretanto, mais nenhum argumento em favor da nossa tese surgiu, mas prossigamos obedecendo ao teclado que alguma coisa há-de chegar. E eis que nosso argumento chega: a falta e a vida social geram caminhos que nem o próprio Deus adivinha. Que me reservará a sorte? Em Lisboa posso ser qualquer coisa, qualquer coisa de bom e digno e esta falta de auto-estima não me traz nada de com, parece que minha vida anda cada vez mais para trás. Contudo, não tenho com que me queixe, pois tenho apoio. Eis aí o argumento do besugo: relacionarmos com todos. Qualquer um tem os seus inimigos e eu não me excluo nesse sentido. Digamos que a minha vida tem sido vivida e tem sido escrita e descrita por mim próprio. Em sebatas e computadores vários. Parece sina de trovador infeliz esta minha, mas resta-me acreditar, O besugo, que queria extrair, pode-me ajudar. O besugo não se confunde com o busílis; tem outra função, uma função social, porém anda lá perto e ninguém saberá dizer ao certo como funciona. Até aqui a s nossas investigações são curtas como curto será o nosso legado, porém bastante para a idade que temos e a condição de desfavor em que nos encontramos. Poucas linhas temos para hoje, neste tempo que nos ocupamos desta obra. Não se trata de um *divertissement* qualquer, mas uma questão séria sobre os relacionamentos, sobre a vizinha pela qual

nos sentimos atraídos e que não podemos conhecer melhor porque é casada. Entretanto, viramo-nos para as divorciadas e como intentamos dar aulas, talvez um dia encontremos alguém, no nosso percurso acadêmico, que nos dê graças, pois isto nesta aldeia que é este reino tudo se conhece e tudo é conhecido. Diz o maço de cigarros 12-CON-01. Doze conas contra uma. Que caminho este, pela floresta da filosofia...Entretanto, chegamos às trinta e nove páginas com as coisas nesta condição. A libido não está muito forte, por isso a escrita não sai como queremos, é só bacoradas, não sabemos se desenvolver o primeiro argumento, que estamos fartos de ciência social, todos procuram um posicionamento estratégico para se manter à tona, enquanto nós mergulhamos em áreas profundas da consciência, enfim, nas profundezas senão da mente humana, pelo menos da mente humana. O sono não vem, mais uma noite em branco, talvez consigamos dizer algo de válido entretanto, para gáudio e utilidade do Leitor. Entorna-se a cerveja e fuma-se mais um cigarro. As férias nunca mais passam. Entretanto, o besugo do meu sobrinho começou a trabalhar. Aos 6 anos! Quem diria!.. Eu fui retardatário, comecei aos 16, mais coisa menos coisa. Não devíamos ter dormido a sets, essa é que é essa, porque a esta hora não estamos cansados de ideias com importa ao escritor que escolhe o final do noite e a a noite atravessada para escrever. Desditosa sorte!... Estamos aqui há quê? Desde terça-feira, hoje é sábado, por isso nada temos de importante para contar. Amanhã correrá melhor. Nem sabemos quais as ideias dos outros sobre nós, se sombrias se clara, essa é a verdadeira fundamentação de hoje quanto ao besugo. Ah! Mais um cigarro que se faz noite. Desta vez, como se acabou a Vegafina, um

SGVentil. Tiramos uma conclusão: como não podemos forçar a escrita, que é um suicídio literário, vamos ler num pouco de Saramago. Boa Noite.

Estou então noutra lugar e neste primeiro dia, deste navio de loucos, o porão está limpo, tirando um pouco de serenidade a estas investigações, a fim de nos acordarmos do sonho dogmático, estou aqui na minha quietude inquieta, não inventando palavras, mas tentar falar de outras pessoas através de mim, eu que não existo já pois não sei se algum dia irei conhecer o amor de que tive uma mera consciência de experienciar. O besugo tanto pode dar para bem como para mal, alguma forma de celeridade no nosso pensamento queremos experimentar, como se quiséssemos que a vida acompanhasse a escrita, mas tal não seria possível pois assim, sem dar o tempo ao tempo, não se gerariam obras de arte. Enfim. A seca prolonga-se. A filosofia o que é afinal senão entretenimento para fãs mais misantropos que os que estão devidamente diagnosticados. E ficamos hoje por aqui, pois temos de ir picar o ponto. Pronto.

Continuemos então: esta proposta filosófica insere-se numa onda de provocação saudável, para que também se possa aprender antropologia e filosofia através de fracassos e recessos, situações em que o besugo está mais presente. Na densidade humana da cidade, onde nos encontramos (será que estamos mesmo aqui?), constituem-se individualidade, mónadas que são intercambiáveis entre si através uma uma forma de energia que nenhum cientista conseguiu ainda decifrar. E que nome daremos a essa "coisa". É certamente a consciência, aquilo que faz mudar o mundo e embora a maior parte estejamos enclausurados no casulo do nosso nicho da alma, outras precisamos de sair à rua, ver como param as

modas, perscrutar a favor da solidariedade que se opõe e aplaca a solidão. Avancemos, portanto, mais adiante, nas análises das qualidades deste conceito algo tosco que chamamos de besugo e que tem por objectivo desmistificar um certo número de ideias feitas a propósito da fé, da consciência, da vida humana, das relações em geral, da vida social em geral. Saboreando um Vegafina de baunilha e um cafezinho, aguardamos pelas notícias. Temos portanto, mais 11 minutos para elaborar um argumento. Na aldeia de origem, diziam-me, aperta contigo, pá, e é o que estamos fazendo, escrevendo ensaio, ficção, romance. Recebemos hoje dois exemplares do caderno de Encargos. A letra ficou pequena, mas pelo menos posso dizer com orgulho: "eu fiz isto!" Não há sensação tão boa como esta, manusear o fruto do nosso trabalho, de noite e noite sozinho, atormentado, pois que nos consideramos como pertencendo à classe dos escritores atormentados, não me cabe a mim dizer se é genial, como dizia o meu irmão, no entanto sente-se um bem-estar mesmo apostar perdido mais do que uma mulher. Mas enfim, não contemos as espigas, aproveitemo-las para fazer mais milho que os tempos são de crise e embora sejam permitidas e necessárias distrações, deve-se recuperar, o que se fará de seguida com uma corridinha, depois de fazer a digestão. Se não apresentamos o argumento todo já por inteiro, pelo menos dizemos que tem a ver com a consciência, conceito que sempre se nos tornou aprazível e servimo-nos como referência a obra de Nicholas Humphrey A Magia da Consciência, que o leitor poderá solicitar na biblioteca pública mais próxima, a fim de desenvolver outros conceitos que vão para além do besugo, outros mais significativos e melhor expostos. Mas daqui a pouco continuaremos, tendo como referência o besugo e a noção-conceito de consciência . A troika manda e a gente faz, como meninos de

coro, e não estou olhando para o meu umbigo, para o meu besugo, só que parece que estão tirando dinheiro do meu bolso. Um Estado fraco torna um país débil e susceptível de interesses que não são nacionais. Mas, enfim, o noticiário nunca irá acabar e nós temos outras questões com que nos ocupar, o besugo nesta obra e outro projecto que temos já em mente relacionado com a obra *O Menino Selvagem*, de François Truffaud. Mas bem, temos consciência, a mesma relacionada com o besugo, de que estamos trabalhando em férias. Aliás, ainda não tirámos férias desde há bastante tempo. As nossas obras mostram isso e temos a leve sensação (consciência da sensação) de que não vai parar. Fim de capítulo. Continua um destes dias.

Capítulo 6

A cabeça cheia de corpos que se interpenetram, se perpetram, se violam, se assassinam. A vítima apenas tem direito a um esgar de dor e o golpe cala a sua existência, quedando-se alguns argumentos filosóficos. Unir a filosofia, fazer pontes, como os engenheiros. É isto acaso tarefa (re)compensadora. Não há uma provável inutilidade em não saber viver? Na voragem dos dias distinguem-se uns e outros, comparam-se uns e outros, sem que haja consignação de direitos. Estarei a ser injusto, ou traz o besugo um elemento incómodo à vida social que no entanto a possibilidade. Pensamento dual. Pensamentos vários. Interjeições. **É!...**

O objecto de nossas investigações filosóficas, pós-moderno e não parecido com as de Wittgenstein, leva-nos muitas vezes a trazer o portátil para a rua e fazer uma performance, de modo a melhor exemplificar, nem que seja através de uma performance, o que é isto do besugo. Será algo de negativo? De positivo? De transcendente, de espiritual, como talvez quisesse o leitor que fosse, embora eu não esteja muito para aí virado, acho mesmo que nada virado. Continuamos assim, no trilho afeiçoado à rua, procurando obter reconhecimento pelas palavras que, como primeira profissão, proferimos e relatamos. Quando o bolso tem dinheiro, o besugo começa a girar, tal como uma cigarra, é o movimento da vida, que se há-de fazer e ainda bem que isto acontece, e isto tem qualquer coisa de religioso, em termos de ética da economia, digamos a bem dizer. Quando entrámos nesta sala, estamos em Agosto de 2012, para que nos situemos, um jovem lia um grosso volume que seriam talvez uma antologia de Aragon ou Montaigne, mas entretanto já se foi embora, bem como a

senhora que tinha em seus braços um livro para crianças, isto do amor é bem mais simples. Haverá uma filosofia do amor? Será possível ser eticamente imparcial nesta questão metafísica. Só sabemos o que sabemos, sejamos realistas, mas a ideia de nada sabermos abre-nos horizontes, e o besugo começa a funcionar, a girar como uma cigarra louca. Pode o leitor constatar que a nossa cabeça está numa confusão tal que foi assim que a colocaram, alheia aos sentimentos e intimidades de outras pessoas, progressiva, na investigação deste objecto de estudo. Entretanto, estivemos pegando em vários livros durante a noite e às 7 da manhã viemos até à estação do oriente, onde bebemos um café e comemos uma coxa de frango, oxalá por referir estas circunstâncias não me caia o tecto em cima da cabeça nem desgaste (através do besugog as circunstância e situações (lugares) em que me movimento. Oxalá que não. Vimos Orestes de *Magnitude* ontem no largo de camões bebendo um café mas evitámos meter conversa com ele a fim de sermos eticamente imparciais, pois não é ficção, é um personagem parcialmente ficcionado, ele existe mesmo e não duvidamos que o vogltaremos a ver. Entretanto, diz-nos o feiticeitos Osz que virá uma tormenta nesta obra, que qualquer coisa de trágico pode acontecer, pois como diz o povo antropológico “não há mal que sempre dure nem bem que nunca acabe”. Interrogamo-nos amiúde para a circunstância de passarmos noites inteiras estudando este objecto (subjecto) de nossas investigações. Onde nos levará? A um oásis? Oxalá. A história segue dentre de momentos, pois fora do texto estudámos psicologia e outras ciências e parece-nos que o que está aqui em causa é a relação entre ciência e filosofia que tardamos em admitir para a nossa investigação, tal como detective particular que abandona voluntariamente a sua investigação.

O besugo tem o dom de desaparecer. E foi o que aconteceu.

Obras do mesmo autor:

Caderno de Encargos

Curvas Apertadas

Uma Estranheza

Telescópio para uma Estrela Cadente

Mundo Imaginado

Coisas do Mundo

O Fim dos Amorfos

O Ofício da Escrita

Cristo, Cravo e Rosa

Razões do Coração

A Poção do Amor